

CONTRIBUIÇÃO DA LUTA SOCIALISTA AO DEBATE DE CONCEPÇÃO DE MOVIMENTO ESTUDANTIL

JUVENTUDE E MOVIMENTO ESTUDANTIL

O ser humano é um ser sócio-histórico, capaz de se desenvolver para além do que a própria espécie possibilita, não se limitando às leis naturais. Para nos humanizar, não é só necessário desenvolver os atributos biológicos que caracterizam o ser humano, mas é necessário que as pessoas possam se apropriar e usar as tecnologias já desenvolvidas. Por nossa sociedade caracterizar-se pela luta de classes, onde há apropriação privada dos meios de produção por uma classe, o que o gênero humano produz não é socializado integralmente, deixando grande parte da população mutilada em relação às possibilidades humanas, por exemplo, o gênero humano é capaz de voar, se usar de um instrumento adequado para isso, o avião, porém a imensa maioria da população não pode se utilizar disto pois não tem dinheiro para comprar uma passagem.

A apropriação do conhecimento já acumulado historicamente pelo gênero humano, tanto biológico como cultural, se dá principalmente na infância e na juventude e são desenvolvidas de maneira diferente, dependendo da cultura ou momento histórico. A sociedade produz este momento priorizando o acesso ao que a humanidade já desenvolveu criando instituições que propiciam essa apropriação, um bom exemplo é a escola. Ela, por ser uma parte da sociedade dividida em classes, irá refletir a sociedade e as classes que a compõem, reproduzindo também determinados valores na socialização dos conhecimentos se conformando como um aparelho ideológico da burguesia.

A juventude é também, conseqüentemente, o momento em que culmina o processo de dominação das capacidades psicológicas internaliza-se uma concepção de mundo, mediada por significados sociais fixados pela linguagem, assumindo caráter ideológico. Adolescência é a idade produzida sócio historicamente, onde somos inseridos nas práticas sociais que passam a ter um significado, somente a compreendemos dentro da totalidade desse fenômeno. Ser jovem não é um período natural, são algumas características interpretadas e significadas pela sociedade. As condições sociais constroem a juventude.

Na fase atual da sociedade capitalista, o desemprego retarda o ingresso do jovem no trabalho, por isso acaba estendendo o período escolar, na passagem para o mundo adulto. A escola passa a ser um dado na vida do jovem, cada vez mais destituído de significado, pois o discurso de que com educação o trabalhador poderá “subir na vida”, é percebido na prática como incoerente, já que por mais que ele estude, não conseguirá ter um padrão de vida ideal, e para a classe dominante, a escola possui esse caráter de ascensão.

O distanciamento dos pais e da família cria a possibilidade de entrar em contato com diferentes significados sociais dos que são produzidos na família. A juventude é o momento de ampliação do contato com diferentes possibilidades e concepções de mundo. Esse período conflituoso pode ser um importante momento para evidenciar as contradições do capitalismo, e o movimento estudantil, bem como os demais movimentos sociais voltados para a juventude, pode contribuir na formação de militantes socialistas.

O Movimento Estudantil (ME) configura-se enquanto movimento policlassista, tendo em sua base social tanto membro da classe trabalhadora quanto da classe dominante, com a possibilidade de se identificar com ambas. Os estudantes são mais uma categoria da Juventude e assim como a classe trabalhadora, não é revolucionária ou reacionária por natureza, mas terão uma posição majoritariamente para um lado ou outro conforme seu momento histórico.

Outra dificuldade que encontramos é em organizar os estudantes que trabalham, por mais que formalmente a democracia que vivemos nos permita participar de partidos, manifestações,

entidades, porém na maioria das vezes, não possuímos condições práticas para isso, como tempo hábil suficiente, ou mesmo a repressão a que estamos expostos.

ME E A LUTA DE CLASSES

As diferenças de classe da sociedade se expressam também no movimento estudantil, e essa diferenciação é mais facilmente observada no desenvolvimento da luta. Na Rússia de 1907, Lênin, no texto “Tarefas da Juventude Revolucionária”, classificou os estudantes em seis categorias, muito próximas a nossa realidade atual: indiferentes; academistas/culturalistas; adversários do ME; e os politizados. Os politizados, então, se dividiam em Liberais/burgueses, Socialistas Revolucionários (reformistas) e Social-Democratas (na época, comunistas).

Percebemos com isso que a indiferença e divisão no movimento estudantil não é exclusividade de nossa época, e sim uma expressão da luta de classes no campo político, em cada época histórica.

É necessário distinguir a indiferença daqueles que não querem que nada mude, por se beneficiar disto com a situação com a apatia dos oprimidos num determinado período histórico. A massa indiferente tende a se movimentar em momentos em que a sua condição de vida é ameaçada, o que funda um acirramento da luta política. Por diversas vezes, nós militantes do ME, ficamos angustiados por causa desta apatia, porém este fato não ocorre por incompetência da vanguarda, mas pelas próprias condições objetivas que constituem o amoldamento à ordem na luta política. Isto não significa cruzar os braços e esperar a movimentação espontânea das massas, mas considerar os limites de certos períodos. Não podemos esperar que na conjuntura que vivemos vamos ter um levante da classe trabalhadora com um milhão de pessoas e que desencadeie uma greve geral, mas a uns 15 anos atrás isso aconteceu, e pelo que a história nos mostra, esse período de revoltas em massa é cíclico e tende a voltar. Temos angústia de trazer os indiferentes para o movimento, porém as condições objetivas são criadas pelas condições históricas, não exclusivamente pela atuação dos militantes. Os militantes devem se preocupar em denunciar as contradições presentes na realidade e organizar na luta os que se contrapõem à ela.

Para além do ME, a divisão da sociedade em classes e a luta que se põe entre a manutenção e a queda da exploração de classe originam instrumentos de organização na defesa de um determinado projeto de classe. O instrumento que possibilita isso é o partido, que deve se reunir em torno de um programa coeso e firme nas suas definições políticas. Ao socialista, que pretende pôr fim à exploração de classe, cabe explicitar a luta de classes.

A Universidade, sendo um espaço poli-classista, reflete as contradições da sociedade no campo da educação. Reflete o avanço do capitalismo e a luta contra ele. No ME, assim como na sociedade como um todo, não é possível juntar dois projetos tão opostos, sempre estaremos do lado contrário aqueles que defendem os interesses da burguesia na universidade, e é necessário divulgar essas diferenças. Protestar contra essa divisão é negar a divisão que a própria sociedade vive. É a unidade dentro da esquerda deve ser feita a partir da diversidade de opiniões e nunca deve ser obscurecida, pois sabendo lidar com ela, utilizando os espaços adequados para as diversas discussões, é possível grandes avanços políticos, e quando não for possível compor um mesmo espaço por diferença programática, não devemos o fazer em favor de uma unidade fictícia;

O partido, por ser um instrumento com um programa amplo de sociedade, não concorre com organizações de caráter mais estreito, como o ME, que atua na área da educação. Somente se essa organização tiver um programa e ações que, de fato, concorram com o do partido. Por isso, o partido não é antagônico ao ME, mas se faz presente através dos militantes que, além de defender

uma concepção de educação contra-hegemônica, sentem a necessidade de se organizar para lutar por um projeto de sociedade, um projeto de classe.

A transição entre períodos de luta ocorre paralelamente e de modo combinado no movimento estudantil e sindical. A relação do movimento estudantil com a classe operária já foi mais efetiva e continua se dando neste período, porém não é uma unificação real embasada na militância concreta. Não basta participar festivamente de encontros e plenárias em conjunto ao movimento sindical, pois dessa maneira não construímos uma militância orgânica junto à classe trabalhadora.

Nosso fortalecimento enquanto ME passa por ter como pressuposto o entendimento da importância da unidade da classe trabalhadora em torno de um programa próprio. Porém, como se dá essa aliança orgânica se nós ainda não estamos minimamente organizados? A força do movimento estudantil revolucionário vem necessariamente da classe operária, porém concretamente a inviabilidade dessa aliança é posta pelo momento de reorganização política e pela ausência de formas de militância que estejam de acordo com este conteúdo. Qualquer iniciativa neste sentido deve ser cuidadosa. Apesar dessa experiência se formar na prática, estas novas formas já devem ser formuladas, “a humanidade somente se coloca questões quando as mínimas condições para a sua solução estão dadas” (Marx). Existe ainda a dificuldade de espaços do ME se reconhecerem nas lutas da classe. Contudo, essa identificação se dá também na prática em conjunto.

Devido à herança do último período de lutas, ainda não sabemos como organizar a revolta da nossa categoria, pois somos formados para fazer agitação, “fazer pelas pessoas”, é necessário que elas mesmas sejam protagonistas da história, sem conseguir lhes mostrar que somente quando nos organizamos conjuntamente teremos grandes conquistas. Não bastam movimentos vanguardistas para mudanças efetivas na educação, assim como não basta o estudante organizado sem relação direta com a luta da classe trabalhadora como um todo para uma grande mudança social.

ORGANIZAÇÃO DAS LUTAS

A formação histórica dos organismos de luta da classe trabalhadora serve para que, de forma autônoma, possa reivindicar e lutar por seus interesses tanto diretos, da categoria, ou de forma mais geral, quanto classe. A partir deste movimento e suas lutas em determinada categoria, a base social se sente representada, reconhecendo-se neste processo de luta e, portanto nos lutadores, conformando uma representação objetiva.

Entendemos que, numa sociedade de classes em luta, não é possível a existência de uma entidade para fazer a representação dos indivíduos e suas posições, respeitada acima de tudo por essa representação formal. Tal forma de organização responde a necessidades objetivas de um período histórico da luta, defendendo interesses do movimento que o gera, diferente da análise de que esses instrumentos são armas passíveis de serem usadas a depender da conjuntura de disputa de direções, tanto pelo campo da esquerda quanto pelo campo reacionário. Essa análise impede que se perceba que o instrumento, no decorrer da luta, pode tornar-se o seu próprio contrário, de instrumento de luta a instrumento de cooptação.

Avaliamos que cada local de luta em prol dos interesses estudantis em conformidade com os da classe trabalhadora é de grande importância e deve ser reforçado. Por outro lado, se não serve mais para essa luta, devido à burocratização interna ou por ter se voltado contra os interesses desta classe sem a possibilidade concreta de voltar a cumprir seu papel, entendemos que nosso lugar não é mais este.

A militância de um socialista deve ser sempre guiada por esse objetivo, o que não é contraditório com as diversas lutas específicas que fazemos. Portanto entendemos que a tarefa hoje é atuar em lugares onde seja possível acumular forças para a construção da luta socialista, seja na formação de

quadros militantes orgânicos com clareza deste objetivo, seja com o aprendizado coletivo da luta sindical em prol de suas necessidades objetivas, ou propaganda de um programa socialista.

AONDE LUTAM OS ESTUDANTES?

Quando a ditadura militar brasileira começa a definhar, a democracia é novamente instaurada como forma da burguesia gerir seus interesses, uma das imposições dos militares é a abertura lenta segura e gradual, para que não houvesse risco que a classe dominante perdesse seus privilégios.

Neste período vemos a UNE (União Nacional dos Estudantes) ser re-fundada, em 1979, num período de intensas lutas da classe trabalhadora brasileira que dão origem também ao PT em 1980, e a CUT em 1983. Com isso inicia-se um novo ciclo da luta de classes no Brasil. Devido as diferenças de períodos anteriores como na forma de luta da década de 80 para as protagonizadas pelos anarquistas antes da década de 20, ou dos períodos onde o Partido Comunista Brasileiro esteve a frente da luta que acontecia durante a ditadura Vargas.

Com o processo de redemocratização e com a participação do partido referência da esquerda, o PT na via eleitoral, a UNE acompanhou essa orientação. A partir desse momento, as principais referências políticas do ME nesse período seriam os prováveis candidatos nas próximas eleições e com a ampliação da utilização desta via, ocorre a inversão, onde as eleições deixaram de ser um meio de acúmulo de forças para a esquerda tornando-se o objetivo final dessas organizações como meio de se institucionalizarem e obterem ganhos nas instâncias formais do poder. A UNE passou a exportadora de quadros para outros setores, dentre eles o político eleitoral, o conhecido “trampolim”, e a proposta original de fazer com que esses candidatos contribuíssem para avanços nas lutas de estudantes, juventude e da classe trabalhadora foi gradativamente substituída pelo seu oposto: a União Nacional dos Estudantes começa a pautar suas ações para que seus candidatos e os grupos políticos vinculados a entidade ganhassem as eleições.

E é deste momento que temos a herança da UNE atual, ela acompanhou todo esse último ciclo, desde o apoio a luta dos trabalhadores na década de 80, para acompanhar também todo o período da década de 90 em que a luta de base, no local de trabalho, as oposições deixaram de ser priorizadas para que os cargos políticos ou mesmo os sindicais tivessem prioridades. Não negando que havia grupos que não atuavam dessa forma dentro e/ou fora da entidade.

Outra importante característica é a mudança na forma de luta e das conquistas, que deixaram o cenário das ruas para passar aos gabinetes, através de acordos parlamentares ao invés da pressão popular, o que faz passar de um movimento político, que agiria junto aos estudantes e a partir das lutas teria a fundamental importância de influir no processo de consciência, para um regulador social das políticas públicas, onde as mudanças estão muito longe do quadro estudantil como um todo. Não queremos dizer que neste período de transição não tenha havido lutas de ruas, pelo contrário, este período é marcado por contradições e elementos de luta com elementos de acomodação. Como exemplo disso é possível citar o “Fora Collor”, que a UNE participou e atuou, porém quem deu início a esse debate no meio estudantil foram os DCEs pelo Brasil, e mais para o final da década, no período FHC, quando as universidades federais entraram em greve, a UNE foi a reboque, e sua principal reivindicação era a meia entrada nos espaços culturais com a carteirinha da UNE.

A forma estruturada para que atendesse melhor a lutas no início da re-fundação, hoje serve à manutenção deste aparelho, com isso, o meio, que é o instrumento, virou o fim em si mesmo, pois os objetivos socialistas se perderam durante a derrocada do ciclo PT. Portanto, a forma que tinha sido determinada por um certo conteúdo, também é determinada por este, e neste processo que se encontra a UNE, nos faz crer que esta não voltará mais para as lutas.

Lembramos que a alteração da forma das estruturas decisórias, reaproximação da base social, os encaminhamentos, o conteúdo, os interesses que esta entidade defende e sua autonomia, na prática e qualitativamente, esta já seria uma nova entidade, mesmo mantendo o nome. Assim, a luta pela mudança de todo o conteúdo da UNE, ou sua reconquista, além de ser quase impossível na forma e conteúdo atual, não passa da luta por uma nova entidade.

Para nós da Luta Socialista o problema não é apenas trocar uma direção por outra, pois a forma se molda a um conteúdo dado, isso aconteceu com a UNE, assim como o conteúdo passa a ser também determinado pela forma o que nos leva a crer que a mudança de direção pura e simples não irá alterar os objetivos e funções que a UNE cumpre hoje.

Parte da esquerda hoje continua atuando dentro da UNE, porém por interesses e táticas diferenciadas. Participam dos seus fóruns, reivindicam a participação da entidade nas atuações do movimento estudantil, ou pelo menos mostram que um setor da UNE está presente nas lutas. Não se configuram como um grupo homogêneo. Determinados setores entendem a entidade como legítima representante da categoria e que ela está assim pelo momento conjuntural. Por ser “democrática” e no seu interior caber as mais variadas posições e com o momento de descenso do movimento atual, nada mais “justo” que esteja com essa posição de recuo.

Outros grupos possuem o objetivo de aumentar seu próprio agrupamento político, conquistando novos militantes, tendo clareza dos limites dessa entidade. Longe de criticar essa perspectiva, achamos importante o papel das diversas organizações políticas, não nas disputas fratricidas que ocorrem no meio estudantil, mas na articulação que fazem entre as categorias e o crescimento político dos militantes depois que entram em organizações socialistas, portanto achamos também importante e que elas cresçam.

Existem setores que discutem a saída da entidade, porém de forma conjunta e combinada, construindo paulatinamente o rompimento, fazendo a avaliação que este ainda não é o momento.

Consideramos legítimas essas formas de atuação da esquerda, contudo achamos que conseqüentemente acabam por legitimar espaços que defendem interesses opostos a esses agrupamentos. Quando a UNE se posiciona em favor da implementação das reformas neoliberais impostas pelo imperialismo, frente aos movimentos sociais, mídia burguesa e até mesmo como representantes internacionais, não aparece como posição da direção majoritária da UNE, e sim como posição do movimento estudantil que, aliás, por ter em seu interior “todas” as posições do ME representa um espaço “democrático e legítimo”.

Essas diferentes forças, com diferentes teses sobre a UNE, têm se caracterizado como espaço de aglutinação de forças principalmente para disputa da entidade e podem cair no mesmo equívoco de tentativas anteriores que não deram certo (como foi o campo rompendo amarras que aglutinava diversos setores da esquerda do movimento estudantil).

As lutas travadas pela UNE podem ser confundidas com posicionamento da esquerda por sua história de combatividade. Tendo isso em vista, as minorias, têm servido para legitimar esse espaço e não conseguem utilizar-se dele para promover as lutas e propagandear suas posições para além do ME. Vale lembrar que quando participamos do congresso elegendo delegados e pagando a inscrição, estamos legitimando as posições que a entidade toma. Financiamos através da inscrição, contribuindo também para que pressionem o governo, por exemplo, para a aprovação da reforma universitária.

Paralelo a isso, outros setores do ME têm atuado em outra coordenação como instrumento para tentar encaminhar as lutas nesse período, romperam em 2004 em um encontro na UFRJ contra a reforma universitária para vir a ser a nova entidade representativa dos estudantes. Notoriamente tem posicionamentos de esquerda, mas a precipitação em encaminhar uma nova entidade sem que isso ocorresse nas lutas e nem ao menos uma articulação com as demais organizações combativas da esquerda, dificultou uma forma de estrutura com novas características.

Nos últimos meses essa discussão tem sido deixada de lado devido a reorganização em torno da pauta da reforma universitária/REUNI. Porém, até poucos meses atrás, em muitos momentos e espaços, a disputa da entidade tomava mais energia do movimento que o próprio encaminhamento da luta. Nesse momento cabe uma pergunta pertinente, mas a entidade era pra que mesmo?

Somente o nascimento de novas formas de luta estudantil, poderia fazer nascer uma nova entidade. Como sabemos que estamos em um momento de reorganização dos movimentos de luta da classe trabalhadora, entendemos que este não é o momento propício para a consolidação deste novo instrumento de luta. Ao mesmo tempo, entendemos que no seio das lutas estão sendo formados os embriões de novas formas de organização, que devem se consolidar com o tempo necessário, determinado pelo próprio movimento e não a partir de nossa vontade.

Em situações onde surge a necessidade de um instrumento de luta nota-se que o próprio movimento as cria, como por exemplo: Fórum de Executivas, Frente Nacional pela Educação Pública, Fórum de Públicas, Comando Nacional de Greve, mais recentemente, a Frente de Luta Contra a Reforma Universitária. Nesses momentos, a ausência de comprometimento e amortecimento das lutas pela UNE provocou a necessidade de novos instrumentos.

Devido ao papel que a UNE vem desempenhando, se torna necessário denunciar sua imagem e posição para buscar mostrar para o conjunto da população e em especial para os estudantes, não legitimando-a e principalmente mostrando que o ME combativo está disposto a travar muita luta para não aceitar os retrocessos a que estamos expostos por essa fase agressiva do imperialismo.

Devemos lembrar que essa deformação no caráter da entidade não é apenas conjuntural, e sim estrutural e que em outra conjuntura tende a continuar a ser um entrave. Devemos, pois, deixar de apresentar críticas das práticas e posições de apenas um setor (a majoritária) buscando não afetar a entidade em si, e passar a vê-la como instrumento conformado com os interesses desse setor.

Uma forma de desgaste é o não reconhecimento da UNE pelas entidades como DCEs, CAs e DAs, Executivas e Federações de curso. Cada grupo tem seu tempo para isso; uns sairão antes outros depois, e entendemos como válida a saída fragmentada de grupos e entidades.

Não vamos tomar nenhuma postura sectária, fechando o canal de diálogo com os setores que ainda acham que a UNE tem sua importância e continuam lá, nem deixar de construir junto com os setores que já saíram, sendo que o determinante para a militância em conjunto não é onde está inserido, e sim a política e a prática que os setores constroem.

Mantendo coerência com o entendimento da entidade como reflexo e forma de organização de um movimento concreto, sabemos que nossa tarefa central é organizar o movimento estudantil de base, com formação política sólida, fortalecendo as novas formas de organização e proporcionando novas perspectivas e saídas para o movimento.

Essas tarefas estão postas para todo o movimento, no sentido de construir um movimento estudantil combativo, que defenda seus interesses e que estes estejam em acordo com os da classe trabalhadora. Para que, na luta, sejam forjados os militantes que venham a contribuir para a construção da ruptura com o capitalismo e a construção da Sociedade Socialista.